

Brasil não usará a resolução 63 para obter vantagens com países credores

RÉGIS NESTROVSKI
Especial para O GLOBO

NOVA YORK — O Presidente do Banco Central, Fernão Botelho Bracher, chegou ontem pela manhã aos Estados Unidos, para uma semana de conversações com banqueiros e autoridades do Governo americano. O GLOBO ouviu Bracher no Aeroporto John Kennedy e reafirmou que o Brasil não prevê a necessidade de dinheiro novo em 1986. Hoje, Bracher terá uma entrevista no Federal Reserve, em Washington, e, logo depois, faz outros contatos com representantes do Governo dos Estados Unidos.

Bracher afirmou no aeroporto que veio a Nova York para continuar as negociações com os bancos credores, que irão decidir qual a melhor forma de encaminhar o problema da dívida externa brasileira.

O Presidente do BC brasileiro, comentando a taxa de risco, ou spread, disse que ela vai depender do tipo de acordo que será feito com os bancos credores. "Certamente, para os vencimentos deste ano, ainda está previsto uma taxa bastante elevada. Mas para fazer um acordo para dois ou cinco anos, quando serão decididas taxas mais adequadas, é preciso que o Brasil tenha condições para negociar. E é isso que estamos procurando", disse ele.

A operação 63 e os problemas com os credores dos bancos recém-liquidados, provavelmente também serão temas de suas conversas. E Bracher é muito prático em relação a elas:

— Não vou usar nada como barganha, nem nunca dissemos que fámos pagar ou não. Dissemos, no Brasil, apenas que não tínhamos levado nenhuma proposta específica ao Conselho Monetário Nacional (CMN).



O Chanceler Olavo Setúbal chefiou a delegação brasileira na II Reunião do Sela